

CULTURA, IDENTIDADE E SABERES TRADICIONAIS COMO OBJETOS DE PESQUISA: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NA REVISTA OIKOS (1981-2021)

CULTURE, IDENTITY AND TRADITIONAL KNOWLEDGE AS RESEARCH OBJECTS: ANALYSIS OF THE OIKOS JOURNAL PUBLICATIONS (1981-2021)

CULTURA, IDENTIDAD Y CONOCIMIENTOS TRADICIONALES COMO OBJETO DE INVESTIGACIÓN: ANÁLISIS DE LAS PUBLICACIONES EN LA REVISTA OIKOS (1981- 2021)

Virgínia Arlinda da Silva Cardoso¹
Verônica Barçante Machado²

Resumo

Este estudo objetivou apresentar um levantamento da produção científica publicada na revista *Oikos: Família e Sociedade em debate* entre 1981 a 2021, cujas temáticas estavam relacionadas à cultura, identidade e saberes tradicionais, buscando traçar um perfil das publicações e áreas de pesquisa às quais estão vinculadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em princípios da análise de conteúdo em que foram estudadas as 63 edições da *Oikos*, e suas 618 publicações, compondo um *corpus* de 34 artigos distribuídos nas três categorias temáticas. Os resultados indicam que as pesquisas sobre cultura aparecem desde as primeiras edições da revista, a identidade aparece posteriormente, se entrelaçando e, em alguns momentos, confundindo-se com os estudos culturais. As pesquisas sobre saberes tradicionais foram escassas. Concluímos que, no decorrer das edições da *Oikos*, houve um aumento do número de publicações, com enfoques diferentes, embora sejam incipientes diante da importância em se discutir tais temas.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Saberes Tradicionais.

Abstract

This study was aimed to present a survey of the scientific production published in the *Oikos: Family and Society in Debate* journal, from 1981 to 2021, whose themes were related to culture, identity and traditional knowledge, seeking to outline a profile of publications and the research areas to which they are linked. It is a qualitative research, based on the principles of content analysis – this research was made on 63 issues of *Oikos* and its 618 publications, which composed an analytical corpus of 34 studies, distributed among the three thematic categories. The results indicate the researches on culture appear since the first editions, with identity as a topic comes in second, intertwining and, at some given moments, being mistaken with cultural studies. Research on traditional knowledge was scarce. It was concluded that during the issues of *Oikos*, there has been an increase in the quantity of publications, with different approaches, in spite of being incipient given the importance in discussing these topics.

Keywords: Culture, Identity, Traditional Knowledge.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo presentar una recopilación de la producción científica publicada en la revista *Oikos: familia y sociedad en debate* entre 1981 y 2021, cuyos temas estuvieran relacionados con la cultura, la identidad y los conocimientos tradicionales, buscando perfilar las publicaciones y áreas de investigación a las que estos están vinculados. Se trata de una investigación cualitativa basada en principios de análisis de contenido en la que fueron estudiados las 63 ediciones de *Oikos* y sus 618 publicaciones, componiendo un corpus de 34

¹ Doutora em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV, Gestora Pública pela Uninter – PR e Servidora técnico-administrativa da Universidade Federal de Ouro Preto – MG. Email: virginia@ufop.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6817-0183>

² Mestre em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal de Ouro Preto – MG e Servidora técnico-administrativa (Secretária Executiva) da Universidade Federal de Ouro Preto – MG. Email: veronica.machado@ufop.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7601-3014>

artículos distribuidos en las tres categorías temáticas. Los resultados indican que las investigaciones sobre cultura aparecen en las primeras ediciones de la revista; la identidad aparece más tarde, entrelazándose y, en algunos momentos, confundiendo con los estudios culturales. La investigación sobre los conocimientos tradicionales es escasa. Concluimos que, en el curso de las ediciones de *Oikos*, hubo un aumento en el número de publicaciones con diferentes enfoques, aunque son incipientes dada la importancia de la discusión de estos temas.

Palabras clave: Cultura, Identidad, Conocimientos Tradicionales.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A cultura e a identidade vêm assumindo relevância na produção científica atual, principalmente na área de Ciências Sociais, sinalizando uma maior abertura para essas publicações. Atrrelados a essa premissa, destacam-se os saberes tradicionais, que se apresentam como aspectos inerentes às diferentes culturas e identidades locais, que se configuram como formas de representação dos modos de vida dos grupos sociais.

Laraia (2006) demonstra que os sistemas culturais são dinâmicos e estão sujeitos a constantes processos de transformação. É a partir dessa dinamicidade que buscamos, por meio da análise de conteúdo, apresentar um levantamento dos artigos e das comunicações publicados na *Oikos – Família e Sociedade em Debate*, as diferentes formas de apropriação das categorias analíticas cultura, identidade e saberes tradicionais, no intuito de investigar o que tem sido pesquisado e identificar as principais características desses estudos, as linhas temáticas nas quais foram inseridos, as perspectivas trabalhadas e os avanços alcançados, com vistas à ampliação do conhecimento científico.

O ESTUDO DA CULTURA, DAS IDENTIDADES E DOS SABERES TRADICIONAIS

A cultura assume, a cada dia, um protagonismo crescente e deixa de ser considerada um reflexo mental do material ou uma derivação funcional da esfera socioeconômica, para se tornar uma instância determinante das relações sociais e recriadora das condições estruturais. Como resultado desse processo, destaca-se a emergência da história sociocultural, cujo postulado teórico básico é de que os sujeitos não são meros destinatários passivos dos significados contidos na estrutura social, mas participam ativamente do seu desvelamento e contribuem para uma mediação dialética ou simbólica (ACOSTA, 2002).

A noção de cultura, segundo Cucho (2012, p. 11), é necessária para pensar a humanidade para além dos aspectos biológicos. Ela permite a diferenciação entre os povos e possibilita a concepção da unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crenças. Assim, “nada é puramente natural no homem”, dado que, mesmo as funções

humanas ligadas às suas necessidades fisiológicas são informadas pela cultura. A definição desses saberes por Geertz vai ao encontro do conceito de Cuche:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Tylor (2009)³ enfatiza a cultura enquanto a expressão da totalidade da vida social do homem e, como uma dimensão coletiva, aborda os fatos culturais, pela primeira vez, sob uma ótica geral e sistemática. Segundo Linton (1945), a cultura é o conjunto de comportamentos apreendidos, compartilhados e transmitidos aos membros de uma sociedade, assumindo um caráter de herança social. Boas (2010) contribuiu para a definição do termo através de uma tentativa de pensar a diferença que, para ele, é de ordem cultural e não racial. O autor substituiu o conceito de raça pelo de cultura, pois abarcava, de modo mais adequado, a diversidade humana. Segundo Elias (2011), a cultura refere-se a um processo civilizador⁴ que transmite aos sujeitos normas e regras sociais na forma de autorregulação e autocontrole dos objetos e das funções corporais.

Uma das características essenciais da cultura, na visão de Burity (2002), é o fato de ela ser um fenômeno social, em que as maneiras de viver (sentir, agir e pensar) são produzidas e adquiridas socialmente, ou seja, os diferentes hábitos e saberes, ao englobarem as formas de vida social, podem ser isolados de outras de igual natureza; dado o seu caráter de pertença a um dado grupo. Eagleton (2005, p. 55) descreve a cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. Coelho e Mesquita (2013), corroborando com Eagleton, percebem a cultura enquanto um instrumento que permite a inserção dos sujeitos nos meios sociais, pois os instrumentaliza a conviver socialmente e a adotar padrões de comportamento aceitos por determinados grupos sociais.

Cuche (2012) argumenta que, embora a cultura esteja inserida no contexto coletivo social, não deve ser utilizada com a finalidade de estipular uma leitura da realidade delimitada por uma imposição simbólica, uma vez que esses saberes não podem ser manipulados como um instrumento, pois se relacionam a processos complexos e, muitas vezes, inconscientes. O

³ Tylor foi quem apresentou uma das primeiras definições de cultura que, para ele, seria um sinônimo de civilização, esta, entendida no sentido etnográfico amplo, seria um conjunto complexo que engloba os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

⁴ O processo civilizador é a operação de transmissão cultural que faz com que a sociedade, sob a forma de controle e regras sociais, se inscreva nos indivíduos como autocontrole e autorregulação, através de operações sobre os corpos, em suas pulsões e afetos.

pesquisador aborda ainda as relações entre cultura e os conceitos de aculturação, de hierarquia e de identidade. De acordo com ele, embora os termos cultura e identidade tenham grande ligação, a primeira depende, em grande parte, de processos inconscientes, enquanto a segunda remete a normas de vinculação conscientes, motivo pelo qual a identidade só pode ser entendida em um contexto relacional. Através da identificação, a cultura dá, às pessoas que a integram, uma identidade coletiva em uma linha de tradição e de memória. Para isso, a cultura apoia-se em fatores objetivos, que permitem a proposição de modelos, enquanto processos de continuidade da tradição, de modo a constituírem-se em novos modos de vida. Ela contém e reinterpreta valores, oferece aos indivíduos escolhas e opções entre eles, além de adquirir uma função psicológica de formar a personalidade de cada indivíduo.

De tudo o que foi discutido, podemos apreender que a autonomia cultural está muito ligada à preservação da identidade coletiva e assim cultura e identidade são conceitos que vão ao encontro de uma mesma realidade. Neste sentido, a identidade cultural de um grupo pode ser compreendida ao se estudar suas relações com os grupos vizinhos.

A noção de identidade pressupõe alteridade e diferença, além de contemplar a ideia de relação (OLIVEIRA, 2000). Esse fato é corroborado por Hall (2006), quando o autor propõe a noção de sujeito sociológico, cujo núcleo interior não é autônomo e autossuficiente, mas formado por meio da relação com outras pessoas importantes para o indivíduo, que mediam os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade. Nessa concepção, o espaço entre o interior e o exterior é preenchido pelo mundo pessoal e pelo mundo público e, assim, a identidade liga o sujeito à estrutura e consolida, tanto as pessoas quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando-os mais unificados e predizíveis.

Para Bauman (2005) a identidade é um importante conceito para o entendimento das transformações da vida social, que estão relacionadas com as comunidades em que estão inseridas. Nesse sentido, o processo de formação da identidade social se estabelece a partir das vivências do indivíduo no mundo social, com base em categorias e posições herdadas e por meio de estratégias definidas nas instituições em que os sujeitos estão envolvidos. Esse processo é, portanto, um fenômeno social complexo, dado que se constrói a partir das múltiplas referências e dos grupos de pertencimento como a família, a etnia, o gênero e os grupos de trabalho que formam elos de pertencimento e promovem uma intrincada rede de reciprocidade.

Na visão de Dubar (2005), existem duas formas de conceber a identidade: a essencialista, que a vê como uma singularidade imprescindível a cada ser humano, um conjunto atributivo objetivo, natural, a-histórico; e a concepção nominalista ou existencialista,

que concebe a identidade como um processo negociado em permanente construção e reconstrução nas trocas simbólicas e sociais. A perspectiva essencialista associa etnicidade e cultura e, nesse processo, muitas vezes a última é concebida como sinônimo de identidade social. Desse ponto de vista, a identidade existe em função da cultura como um produto dela, atribuindo valores culturais para as características distintivas mais marcantes do grupo (CUCHE, 2012). Essas características são transmitidas aos sujeitos por meio das tradições que, na visão de Woodward (2000), são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, através das origens, mitologias e fronteiras; quanto o presente, via contestação e justificativa de códigos culturais capazes de se adaptarem às transformações sociais e assim atuarem na construção social de pertencimento (SANTOS, 2010).

Para Coelho e Mesquita (2013), cultura e identidade são conceitos intrínsecos e interdependentes que congregam os saberes tradicionais como elemento que os une, dado que a primeira se constitui e se difunde por meio dos processos ritualizados e cotidianos dos grupos e que se processam como tradições. Ademais, é por meio dela que ocorrem os processos de identificação dos sujeitos e, neste sentido, as tradições perpassam, tanto pela cultura quanto pela identidade e é também por elas perpassadas, fazendo com que a relação entre estes três conceitos seja imanente.

Adentrando na seara das tradições, Silva (2017) afirma que elas se revelam enquanto um conjunto de costumes, crenças e práticas que são transmitidas de geração em geração e que permitem a continuidade de uma cultura ou de um sistema social. Nas culturas locais, vêm se reverberando uma reação nostálgica em que os costumes e os hábitos localizados mobilizam as comunidades em torno da reconstrução da identidade local, marcada pelo sentimento de diferenciação entre o “nós” e o “eles”. Nesse contexto, elementos reconhecidos pelos grupos, como é o caso das tradições, são incorporados aos costumes e valores universais e aos hábitos cotidianos grupais acentuando, assim, a valorização dos saberes tradicionais.

Segundo Giddens (2007), a tradição é entendida como um conjunto de práticas rituais ou simbólicas, que suscitam valores e normas de comportamento através da repetição. Essa herança contribui para a segurança ontológica, na medida em que preserva a confiança na continuidade do passado, que se transforma em presente e se projeta para o futuro, por meio da segurança nas práticas sociais rotinizadas. Para o autor, elas são permeáveis à mudança e evoluem ao longo do tempo, se alteram sem, contudo, permitir que sua essência seja perdida. Essa característica, inerente também à cultura e à identidade, representa a estrutura das ações

sociais e, assim, os “saberes da tradição” atuam como um conjunto de conhecimentos sujeitos a modificações que emergem das dinâmicas históricas e implicam em uma reprodução social que convive com a mudança. Eles reordenam o espaço e recriam novas formas de relacionamento, definindo fronteiras e instituindo novos processos de aprendizagem que vão se reafirmando e sendo ritualizados, para conferir uma identidade sociocultural ao grupo (SANTANA, 2009).

O saber tradicional para Allut (2000) é cumulativo, ou seja, produzido por gerações sucessivas; é empírico, pois deve se confrontar com o teste da experiência diária e, ao mesmo tempo, dinâmico, uma vez que se transforma em função das mudanças socioeconômicas, tecnológicas e físicas. Para Castro (2009), esses conhecimentos devem ser priorizados, objetivando a valorização dos recursos naturais e sustentáveis; como exemplo, temos o artesanato, uma arte compreendida como manifestação genuína de uma cultura, pois, ao construir suas peças, o artesão demonstra, por meio de uma técnica específica, o seu fazer, o seu conhecimento tácito, que foi acumulado das gerações pretéritas, uma expressividade original que marca sua identidade e sua territorialidade.

As discussões aqui realizadas evidenciam que a análise das significações que são socialmente compartilhadas e transmitidas pela tradição, em sintonia com a identidade, faz da cultura um modelo de compreensão das experiências, das atitudes, dos juízos dos outros e de nós mesmos. Neste sentido, a cada dia se torna mais importante o entendimento desse conjunto de elementos como fatores preponderantes da diversidade social, que a legitima e a torna a mais pura manifestação da essência humana.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo (TRIVIÑOS, 1987), baseada em princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Os dados utilizados neste estudo são provenientes dos artigos publicados na *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, no espaço delimitado dos 40 anos de sua existência, que compreende o período de 1981 a 2021.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de pesquisa das comunicações com vistas a obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo dos textos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e ou recepção deles (BARDIN, 2011). Esse método pode ser realizado por meio da dedução

frequencial ou da análise categorial⁵ encontradas no conteúdo, na materialidade linguística, através das condições empíricas do texto. A análise categorial temática é o método escolhido para esta pesquisa e ele busca identificar significações por meio dos indicadores que estão ligados, por codificação ou caracterização de segmentos, em classes de equivalências definidas, em função do julgamento do codificador.

A base de dados

A revista *Oikos – Família e sociedade em Debate* surgiu no ano 1979 durante o V Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, na cidade de Pelotas-RS. Em sua concepção, recebeu inicialmente o nome de *Oikos – Revista Brasileira de Economia Doméstica* e teve seu primeiro volume impresso em 1981, com o objetivo de:

[...] superar uma lacuna há muito reclamada pelos economistas domésticos no Brasil: a ausência de um veículo de comunicação entre os profissionais. [...] abre espaço não só para as ideias de agora como também à recomposição da nossa memória profissional, estimulando o registro de fatos e figuras humanas que marcaram os primeiros passos do ensino ou da aplicação sistemática da economia doméstica em nosso país (ARAÚJO, 1981).

A revista, publicada desde o início da década de oitenta, abarca contribuições científicas realizadas ao longo de quatro décadas.

[...] todos esses anos de edição revelam a significância deste periódico, que representa o principal símbolo da produção acadêmica realizada nos cursos técnicos, na graduação e na pós-graduação em Economia Doméstica no Brasil [...] valorizando a interdisciplinaridade. (CARVALHO et al., 2012, p. 3).

Trata-se, portanto, de um periódico multidisciplinar, dirigido aos pesquisadores e aos profissionais das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e que apresenta, como seus principais objetivos, a contribuição para o desenvolvimento da Economia Doméstica e estímulo às pesquisas e à divulgação de estudos que proponham contribuições teóricas, metodológicas, bem como análises empíricas acerca de assuntos que versem sobre as temáticas família e sociedade e que fomentem os debates em suas interfaces com as políticas sociais, trabalho, consumo, lazer, desenvolvimento humano entre outros correlatos (OIKOS, 2021).

⁵ A análise categorial é o tipo de análise que se utiliza de operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Essa investigação pode ser temática, construindo as categorias conforme os temas que emergem do texto. Para que essa classificação aconteça, é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento.

O periódico é uma publicação semestral e conta com o apoio do Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica e da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ao longo do tempo, a revista passou por inúmeras modificações, com o objetivo de se adequar às exigências estabelecidas pelas agências certificadoras. Entre as mudanças, destacam-se a ampliação do seu corpo editorial, o *layout* das capas, o aperfeiçoamento das normas para publicação, além da implantação de sua versão *on-line*, no ano de 2011 (CARVALHO et al., 2012). Atualmente, considerando as avaliações *Qualis-Capes* obtidas, o periódico se concentra no estrato B2.

Construção do *corpus* e a metodologia de análise

Para constituir o *corpus* desse trabalho, a técnica de seleção prévia dos artigos e comunicações foi baseada em uma sequência de etapas (CRESWELL, 2014), iniciando-se com a definição de quatro descritores – *cultura* e/ou *saberes tradicionais* e/ou *tradição* e/ou *identidade*. No entanto, foi observado que havia publicações que não eram identificadas apenas por meio da busca utilizando os termos descritores, então foi construída uma estratégia complementar, na qual foi investigado o título dos artigos publicados em todos os volumes da revista, bem como os seus resumos, compreendendo um total de 618 títulos.

O levantamento das informações foi feito a partir dos dados disponíveis *on-line* e consistiu em duas etapas: na primeira foram consultados os volumes da revista publicados entre os anos de 1981 e 2010, que constam de uma lista de *links* que remetem aos volumes digitalizados das revistas, pois, neste período, existia apenas a versão impressa. Nessa etapa foram lidos todos os títulos e resumos, a fim de identificar os descritores eleitos para o estudo.

Na segunda etapa, analisamos os volumes da revista divulgados entre os anos de 2011 a 2021, disponíveis no ambiente *on-line*, no qual utilizamos a ferramenta de busca a partir dos descritores já citados. Dentre os estudos publicados nas 63 edições da revista, foi selecionado um *corpus* analítico de 34 artigos que versavam sobre as temáticas eleitas para este estudo, a saber: cultura, identidade e saberes tradicionais. Foi também utilizado um quadro para anotação das principais características dos artigos, que foi preenchido à medida que se fazia a análise de cada edição da publicação. Quando havia dúvidas em relação ao título, fazíamos uma investigação do resumo ou do trabalho completo, para confirmar seu enquadramento nas temáticas estudadas.

Após a delimitação do *corpus*, procedemos à leitura integral dos artigos, a fim de identificar os trabalhos publicados acerca das categorias analíticas. Assim que foram definidos

os temas e os estudos a eles relacionados, foi feita a categorização deles em eixos temáticos, agrupados de acordo com o escopo da revista, a saber: família e sociedade em suas interfaces com as políticas sociais, trabalho, consumo, lazer, desenvolvimento humano, entre outros inerentes às Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas.

RESULTADOS E ANÁLISES

A partir do estudo da discussão a respeito das temáticas cultura, identidade e saberes tradicionais, constatamos que é possível dialogar sobre esses temas em todos os espaços de socialização humana, como na família, em primeira instância; nas instituições religiosas e em outras organizações sociais; no ambiente de trabalho e nas diversas formas de veiculação midiática da informação. Nesse contexto observamos uma perspectiva discursiva centrada em aspectos culturais e sociais implicados na construção da identidade do ser humano, dos seus desejos, dos seus questionamentos, das suas inquietações.

Ao analisarmos as tendências das produções científicas da revista *Oikos*, constatamos que as temáticas aqui levantadas sempre estiveram presentes, a princípio de forma difusa; contudo, a partir do ano de 2011 houve um acréscimo significativo no número de publicações, mantendo-se de forma crescente desde então. O aumento contínuo desse número sobre os aspectos culturais, identitários e tradicionais que permeiam a vida dos seres humanos, evidencia a importância e o impacto destas categorias analíticas na esfera de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, dando visibilidade à produção dos pesquisadores dessa área. Embora tenhamos verificado esse crescimento, constatamos que ainda é reduzido o número de estudos sobre essas temáticas, quando comparado ao universo pesquisado, representando apenas 5,5% do total de artigos publicados na revista desde a sua criação.

No que tange aos autores, percebemos que os artigos apresentam, em sua grande maioria, mais de um autor, e muitos deles são estudantes de pós-graduação e professores. Os artigos publicados pelo veículo são, muitas vezes, oriundos de dissertações de mestrado em áreas abrangidas pela Economia Doméstica. Além disso, as pesquisas qualitativas prevalecem como descritivos metodológicos em grande parte dos estudos, destacando-se as pesquisas bibliográficas e entrevistas como estratégias de coleta de dados mais utilizadas.

A partir do levantamento temático realizado em todas as edições da revista *Oikos* (1981 a 2021), foram contabilizados 618 títulos, entre artigos e comunicações, dentre eles foram levantados 34 estudos relativos aos descritores previamente estabelecidos e desses foram

identificados 14 (41%) trabalhos que abordam a temática da cultura, 8 (24%) que versam sobre identidade e 5 (14%) que discutem sobre os saberes tradicionais.

Convém enfatizar que 7 (21%) artigos correlacionaram as temáticas cultura e identidade e, dos 5 artigos que dissertaram sobre os saberes tradicionais, todos correlacionaram outros temas em suas discussões: 3 (60%) pesquisaram sobre as três categorias de análise e 2 (40%) examinaram os saberes tradicionais juntamente com os aspectos culturais. A partir desse primeiro levantamento, foram traçadas as características gerais desses estudos. A distribuição dos artigos publicados na revista, em cada área temática, é apresentada na tabela 1.

Tabela 01 – Relação entre o número total de publicações e o percentual de estudos voltados às temáticas analisadas.

PUBLICAÇÕES NA REVISTA OIKOS ENTRE 1981 E 2021

Áreas Temáticas	Total	Percentual
Cultura	14	41
Identidade	8	24
Saberes Tradicionais	5	14
Cultura/Identidade	7	21
Total Geral	34	100

Fonte: Artigos publicados na revista *Oikos*, 1981-2021.

Considerando a investigação feita sobre os diferentes estudos supracitados, foi possível definir ao menos 5 eixos temáticos da pesquisa sobre cultura, identidade e saberes tradicionais. Ressaltamos que esse recorte é arbitrário e autoral, pois nos propusemos aqui a apresentar uma possível perspectiva de análise e, por esse motivo, incorremos na possibilidade de não exaurir todas as possibilidades de análise das temáticas de tão alto escopo. Os cinco eixos temáticos são apresentados a seguir:

- I. Eixo temático 1 - Cultura, relações de gênero e formas de dominação simbólica:** abrange os estudos que discutem as diferentes manifestações culturais em interlocução com as relações de gênero em contextos que envolvam análises sobre as diferentes formas de dominação, autoridade e subordinação do gênero feminino. Essas pesquisas são realizadas por meio de uma abordagem da

cultura patriarcal ou patriarcado⁶ que dominou o Brasil desde o seu descobrimento e ainda persiste em alguns grupos e locais do país.

- II. **Eixo temático 2 - Sociabilidades e padrões de consumo:** entende a cultura como tema frutífero para explorar as sociabilidades, os modos de vida, o mercado de trabalho e os hábitos de consumo, uma vez que expõe a complexidade desses fenômenos e estudam como eles afetam as relações sociais nos diferentes âmbitos da vida.
- III. **Eixo temático 3 - Antropologia cultural e os saberes tradicionais:** consiste na abordagem antropológica cultural que abriga discussões sobre a diversidade cultural humana, tanto de grupos contemporâneos, quanto de grupos extintos; investiga o conhecimento do homem enquanto elemento integrante de grupos sociais organizados e sua produção criativa, seu processo relacional promotor de identidades, de representação e de pertencimento em interlocução com os saberes e práticas tradicionais.
- IV. **Eixo temático 4 - Corporalidade e apropriações simbólicas do vestuário:** abarca estudos sobre a corporalidade, suas manifestações e inter-relações com a família e com os grupos sociais, além das apropriações simbólicas do vestuário em consonância com os hábitos pessoais e corporais delimitados pela cultura. Nessa perspectiva, o vestuário representa também um artefato que assume expressiva forma de comunicação social.
- V. **Eixo temático 5: Território e espaço vivido** - refere-se aos estudos voltados à sociologia dos espaços que considera a arquitetura como uma criação original, marcada por características sociais e históricas. Essas discussões também englobam a habitação em comunicação com os modos de vida da sociedade, com as formas de morar e de viver nos espaços, sejam eles públicos ou privados.

Cultura, relações de gênero e formas de dominação simbólica.

A temática da cultura, sob o prisma de uma abordagem patriarcal, foi a principal vertente apresentada nas primeiras edições da revista *Oikos*. As discussões sobre família eram

⁶ Patriarcado é um sistema social em que os homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças. Historicamente, o patriarcado tem-se manifestado na organização social, legal, político e econômico de uma gama de diferentes culturas (MALTI-DOUGLAS, 2007).

permeadas pelas diferenças nas relações de gênero e como elas repercutiam na dinâmica familiar. A idealização e a aceitação do modelo de família nuclear perpassaram as discussões teóricas nos anos 80 e 90, momentos em que a cultura patriarcal era usada como meio teórico de discussão das dinâmicas familiares e grupais e, neste período percebemos a sobreposição de conceitos, pois, muitas vezes, cultura e identidade foram usadas de forma correlata.

As abordagens relativas à identidade e aos saberes tradicionais se voltaram, em grande medida, para a promoção do pertencimento aos grupos, em que as práticas tradicionais se tornavam meios propícios de transmissão cultural e identitária, potencializada pelas relações endógenas do núcleo familiar, as quais recebiam, incorporavam e transmitiam os saberes tradicionais entre as gerações. Essas categorias, nos primeiros estudos publicados na revista, se apresentaram de forma superficial e serviram de pano de fundo para mobilizar e explicar outras categorias de análise que se apresentavam como os temas centrais dos artigos.

Garcia e Rossato (1984) examinaram a temática cultural sob uma vertente de gênero no meio rural, destacando a família como um elemento ativo da sociedade, que evolui no tempo e mobiliza mudanças, inclusive no papel da mulher dentro dessa instituição, passando de um contexto de submissão e inferioridade na cultura familiar patriarcal, para uma realidade mais fluida, em que a mulher tende a tornar-se um sujeito ativo e participante nas tomadas de decisão familiar, bem como naquelas relativas à organização e à administração da propriedade agrícola. Esses fatos são corroborados por Rossato et al., (1995) que, ao estudar as famílias dos professores da Universidade Federal de Pelotas – RS, verificaram que essas estavam em um processo de transição, tendendo a se tornarem nucleares e a apresentarem posições mais igualitárias entre os homens e as mulheres.

Goicochea et al. (1999) entenderam que existem, no mercado de trabalho dos profissionais de Economia Doméstica, preconceitos relacionados à cultura patriarcal, nos quais o termo “doméstico” permaneceu ligado às atividades privadas, femininas e sem valor comercial. Embora os profissionais da área tivessem uma identidade profissional positiva, o mercado de trabalho não caminhava no mesmo sentido, fadando esses profissionais a atuarem de forma autônoma, principalmente na área de desenvolvimento humano, também associada culturalmente ao gênero feminino.

Ao analisar as diferenciações culturais entre os gêneros masculino e feminino, Castro et al. (2007) perceberam que a visão dos vendedores das lojas de brinquedo na cidade de Viçosa – MG segue a lógica da segregação imposta pela cultura patriarcal, na qual existem brinquedos indicados para meninas que são diferenciados daqueles indicados para meninos. No primeiro caso, essa distinção reproduz os valores relacionados à maternidade, o culto à beleza e o

direcionamento às atividades domésticas. Já no segundo caso, as representações relacionadas ao mundo privado são excluídas e buscam despertar e fortalecer o interesse pelo mundo público. Essas e outras assimetrias de gênero vinculadas às vivências culturais foram também analisadas por Castro e Souza (2011) e Loreto et al. (2013).

As temáticas, para além das relações desiguais entre homens e mulheres, permitem a investigação sobre as sociabilidades entre esses gêneros, suas perspectivas e organizações nos meios trabalhistas, assim como suas práticas e padrões de consumo, assuntos que serão discutidos a seguir.

Sociabilidades, trabalho e padrões de consumo

A associação entre os fatores econômicos, socioculturais, psicológicos e culturais representam forte influência nos modos de vida dos diferentes grupos sociais. Quando são analisadas as recomendações nutricionais em instituições públicas ou privadas, esses elementos são considerados como forças promotoras e ou inibidoras do processo de adoção de tais recomendações (SILVA et al., 2006). Santana (2001), ao estudar os padrões de consumo turístico na cidade de Viçosa – MG, percebeu a predominância de aspectos subjetivos e ligados às motivações pessoais de natureza cultural, além de observar que o gosto e os hábitos são definidos, em grande parte das vezes, levando-se em consideração os fatores socioeconômicos; ou seja, dentre uma gama de possibilidades de lazer propiciadas pelo turismo, os consumidores tendem a escolher aquelas que se adequam tanto à sua identidade cultural quanto ao seu padrão de consumo monetário.

As representações dos sujeitos são marcadas pelas vivências culturais construídas ao longo da vida. Para Santos e Benevenuto (2007), essas representações são influenciadas pela mídia, principalmente quando se analisa os jovens que passam por um processo de construção identitária já que eles estão mais suscetíveis às influências que os meios de comunicação exercem sobre a formação de seus valores, bem como de seus comportamentos de consumo.

As figuras midiáticas influenciam as imagens e os estilos juvenis, devido à identificação que estabelecem com essas figuras públicas. De acordo com Tomaz e Fernandes (2017), os jovens, em especial aqueles pertencentes às classes econômicas menos favorecidas, quando buscam a aquisição de bens e serviços, visam assegurar suas identidades e seu pertencimento aos diferentes grupos sociais. No estudo conduzido por Oliveira et al. (2020), o lazer usufruído pelos estudantes de graduação e pós-graduação da UFV são mediados pela cultura e vinculados às questões identitárias, que remetem às práticas usualmente eleitas por grupos

modelo, demonstrando assim que esses alunos buscam se identificar e pertencer a essas coletividades.

Neste mesmo eixo temático, destaca-se o trabalho de Pinto et al. (2019), que observam como são articulados os traços da cultura brasileira em rituais de consumo no dia das mães. Essas práticas demonstram os aspectos simbólicos basilares das relações de comensalidade, dos valores, das práticas e dos mecanismos de fruição e mediação.

No caso das culturas étnicas, o estudo realizado por Lima e Arrazola (2020) destaca as relações entre a identidade negra e o embranquecimento da cultura de consumo para mulheres negras, revelando que existe uma tomada de consciência por parte da sociedade, modificando as percepções de situações vivenciadas por esse grupo. Dessa forma, tem crescido a compreensão da importância de movimentos de fortalecimento do enegrecimento como forma de resistência, de autoafirmação e de motivação para a luta antirracista, com vistas a contribuir com os processos educativos e sociais da sociedade como um todo.

A tomada de consciência acerca das questões culturais mantenedoras e ou modificadoras das práticas sociais foram se desenvolvendo ao longo do tempo e isso é perceptível nas publicações da revista *Oikos*, especialmente entre os anos de 2006 e 2020, que foram muito frutíferos para a produção acadêmica na revista, com a divulgação de 9 artigos abordando as categorias de análise, 5 deles em 2006 e 4 em 2020. A cultura foi o tema que perpassou os 9 artigos e em 6 deles as questões identitárias também se fizeram presentes. O Eixo 3, centrado na Antropologia Cultural que também analisa as relações sociais mediadas pela cultura como pano de fundo para a expressão das identidades individuais e coletivas e dos saberes tradicionais será apresentado a seguir.

Antropologia cultural e os saberes tradicionais

Nos anos de 2015 e 2017 houve uma maior integração entre as questões culturais, identitárias e dos saberes tradicionais nos estudos publicados na revista *Oikos*, com destaque para os estudos de Farias e Schimidt (2015) e Irias e Farias (2016), nos quais pudemos observar uma discussão teórica mais aprofundada, com destaque para a antropologia cultural. Nesses dois estudos, autores como Lévi Strauss, Mauss, Montanari, Castells, Canclini, Hall, Laraia, Cucho, entre outros, embasaram as discussões e permitiram a construção de um referencial rico acerca das apropriações simbólicas que ocorrem ao longo da vida dos sujeitos, nas quais pesam as manifestações culturais e identitárias como, por exemplo, a produção artesanal de objetos a partir da palha de milho (IRIAS; FARIAS, 2016), que é vista como uma

tradição que deve ser valorizada e preservada, uma vez que propicia ao grupo, tanto o bem estar emocional, permitindo a inclusão grupal e a sensação de pertencimento, quanto o retorno financeiro, alcançado pela comercialização dos produtos.

Nos estudos de Farias e Schimidt (2015), as questões identitárias, culturais e de saberes tradicionais vinculadas às práticas de produção artesanal de derivados do leite influenciam os modos de vida e as sociabilidades, além de realçar a importância da dádiva na velhice, auxiliam na preservação das relações sociais, principalmente aquelas relativas às interações com familiares e amigos. Neste sentido, as identidades culturais e os saberes tradicionais atuam como processos de construção social e simbólica que permeiam todas as fases da vida dos sujeitos e dos grupos. A transmissão geracional dos saberes e práticas culturais se fizeram presentes nesta pesquisa e as pessoas idosas foram vistas como guardiãs dos conhecimentos tradicionais, que representam inegável valor simbólico para os sujeitos que os detêm. Esses saberes personificam o elo entre o passado e o presente por meio da interação e da veiculação deles entre os mais velhos e os mais jovens, principalmente no interior das famílias.

Na contramão dessa interação pacífica entre senioridade e mocidade, os estudos acerca da corporalidade divergem entre as gerações e criam, em muitos casos, conflitos entre esses sujeitos. Essas questões e suas inter-relações com os diversos domínios da vida vêm assumido relevância nas discussões científicas atuais, como exemplo, podemos frisar as apropriações simbólicas do vestuário que, na sociedade contemporânea, são influenciadas de sobremaneira por fatores externos aos sujeitos e difundidos na sociedade, principalmente pelos veículos de comunicação, como será evidenciado a seguir.

Corporalidade e apropriações simbólicas do vestuário

Os estudos acerca da corporalidade e do vestuário, durante um longo período, permaneceram invisíveis, mas, com o passar do tempo, esses temas receberam maior relevo aos olhos dos pesquisadores, tornando-se objetos de interesse em diversos campos do saber, como a história, a sociologia, a antropologia e a economia (FARIAS, 2010).

Garavello e Molina (1984), ao investigarem as práticas de vestuário no meio rural paulista, entenderam que os costumes relacionados à seleção, uso e manutenção do vestuário pelos sujeitos de pesquisa encontravam-se ancoradas tanto nas práticas culturais rurais, entendida como tradicionais, quanto nas mais modernas, ligadas ao estilo de vida urbano, tendo como um exemplo a valorização de aquisição de roupas. Os resultados encontrados na

pesquisa possibilitaram a desmistificação de uma crença de que a confecção do vestuário no meio rural era realizada predominantemente no ambiente doméstico.

Garavello e Carraro (1993) e Silva et al. (2006) consideram que existe uma relação entre corpo-roupa-ambiente que se reflete nas interações sociais. Em situações de trabalho, esse vínculo é muito representativo, devido a sua capacidade de oferecer conforto ao usuário e, ademais, suas características são diferenciadas em termos da finalidade laboral. Esses aspectos socioculturais e identitários são percebidos e representam uma forma de identificação com o grupo e de diferenciação entre os sexos.

Para Batista e Farias (2018), a família se configura enquanto um *lócus* de manutenção dos ideais corporais hegemônicos que são difundidos pela sociedade contemporânea. Os autores, por meio de discussões centradas na antropologia do corpo, abordam o tema a partir de uma construção social mediada pela cultura que sofre interferência de diversos agentes. Isso ocorre por intermédio de discursos e práticas regulatórias que ditam modos de lidar com os corpos em um processo, muitas vezes cruel, evidenciando conflitos decorrentes da corporalidade (entendida como inadequada), dos sujeitos aos padrões de beleza impostos pela mídia, pela sociedade, ou mesmo, pela família. Diante da condição contemporânea reflexiva abordada por Giddens (1991), que afeta todas as escolhas cotidianas, é natural que os modos de vida atuais se pluralizem e sejam analisados sob novas lentes, como acontece nas diversas formas de apropriação dos espaços.

Território e espaço vivido

A década que se seguiu ao ano 2000 representou uma baixa em termos de produção científica voltada para as temáticas culturais, identitárias e dos saberes tradicionais. Ao longo dessa época, foram encontrados apenas sete artigos sobre os temas, com maior ênfase para estudos que privilegiavam as questões identitárias, com prevalência dos aspectos socioculturais do espaço e as formas diferenciadas de sua apropriação pelos sujeitos, a partir das visões de mundo adquiridas ao longo da vida.

A habitação, as cidades e a apropriação dos espaços construídos relacionam-se com as questões culturais e identitárias como preponderantes para a ocupação e vivência nesses espaços. Sob o prisma do território e do espaço vivido, as discussões presentes nesse eixo temático apresentam a conceituação de práticas sociais, de processos de socialização, de mecanismos de decisão como sinais do funcionamento das sociedades. Nessa vertente, o estudo realizado por Silva e Oliveira (2006) considera que a ocupação de um território não é

devido estritamente às condições naturais, mas às estruturas sociais e culturais de uma sociedade, dos modos de organização e mobilização local como a ação comunitária de agentes locais em favelas cariocas.

Esses espaços se apresentam também como elementos de segregação étnica, racial e classista ao representar de forma contundente a identidade coletiva dos grupos que ocupam de formas diferenciadas esses locais. Nesses estudos as análises marxistas apresentam relevância, pois são usadas como referenciais nas projeções das relações de classe sobre o território, especialmente das diferenças sociais promovidas pela dominação capitalista que acaba por alocar, em espaços delimitados, culturas e identidades coletivas semelhantes.

No estudo de Mafra e Gontijo (2006), os lugares e a organização do espaço físico são marcados, não apenas pela funcionalidade organizativa e estética, mas pela funcionalidade afetiva que, muitas vezes, se difere da lógica do projetista, mas representa maior interação entre o usuário e o espaço que ele utiliza. As pesquisas desenvolvidas por Ludwig (1997; 2006) evidenciam a construção identitária dos locais de moradia de pequenos produtores rurais, com vistas a apreender as percepções que esses grupos possuíam dos lugares e os significados a eles atribuídos. Na pesquisa sobre as moradias ameaçadas pela construção de uma barragem, a autora se utilizou de fontes documentais e da memória dos mais velhos para reconstruir esses locais, desde as fazendas de engenho até a contemporaneidade. Em ambos os estudos, a pesquisadora entendeu que a habitação se refere não apenas à estrutura material, mas também à estrutura simbólica, por meio da qual seus moradores transmitem a sua visão de mundo e as enfocam enquanto espaços de vivências.

Neste eixo temático, merece também destaque o estudo de Guimarães et al. (2013), em que analisam os reflexos da urbanização do campo e os modos de moradia de famílias rurais, traçando as mudanças percebidas nos modos de vida do rural tradicional para o moderno. Tais transformações se processaram, tanto em relação ao acesso a serviços de infraestrutura como aos aspectos inerentes ao interior das moradias, que passaram a se assemelhar às habitações urbanas. As autoras se utilizaram de um referencial teórico pautado na organização espacial e nas análises acerca dos aspectos simbólicos culturais e identitários vinculados à moradia rural, com a presença de elementos tradicionais que foram se modificando a partir do contato com os grupos urbanos.

No estudo de Ribeiro et al. (2020), viver a cidade como um todo diz respeito à vida cotidiana nesse meio, ou seja, a cidade feita e conservada com o objetivo de propiciar experiências, encontros, trocas interpessoais, e manifestações socioculturais que favoreçam a vivência e propagação da cultura da população no território. Os autores se utilizam dos estudos

de Lefebvre (2010) e Santos (2009), bem como de Haesbaert (2007), para os quais o conceito de território se funde ao de identidade. Para eles, esses conceitos se conformam a partir da experiência, que é necessariamente social.

A oposição entre comunidade/ meio rural/ tradição e sociedade/ cidade/ modernidade fundou a Sociologia Urbana e serve como referencial para as apropriações desses espaços de maneiras diferenciadas, como, por exemplo, os bairros dos ricos e dos pobres, os condomínios e as favelas, os guetos, os modos de vida rural e urbano, ou seja, são múltiplos os fatores que contribuem para explicar os usos e as vivências dos espaços cotidianos, em especial os socioculturais. A sensação de pertencimento desses locais a uma classe etária, a um gênero, a uma categoria social e a um grupo cultural que se reconhece por meio da identidade coletiva, confirma o impacto da cultura sobre as práticas espaciais e, conseqüentemente, amplia o interesse dessas abordagens junto aos profissionais da área que, a cada dia, se atentam mais para as percepções, os significados, as representações e os usos dos espaços como elementos científicos para aprimoramento das práticas profissionais.

Os aspectos supracitados e que foram percebidos nas discussões teóricas e empíricas pelos autores que publicaram na revista *Oikos* vem ao encontro do pensamento de Tapie (2018), no qual as cidades aparecem como um mosaico de territórios em que a identidade de cada elemento é marcada por um grupo social ou étnico dominante. Dessa forma, esses locais são mais do que a agregação física dos territórios ou dos sujeitos, elas passam a ser um estado de espírito que admite a miscigenação cultural e contribuem para o entendimento de que o território, o espaço, o lugar marcado pelas construções e sua organização revelam o social, seus poderes, pertencimentos e carregam identidades, tradições, normas, processos de apropriação simbólica inerentes aos seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a revista *Oikos* é um periódico interdisciplinar, voltado para a divulgação de estudos correlatos às áreas temáticas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, entendemos que ela é um espaço adequado para discussões com a comunidade científica a respeito de questões inquietantes para todos, efetivando-se enquanto espaço inclusivo.

O levantamento aqui realizado permitiu analisar o quadro geral da produção sobre cultura, saberes tradicionais e identidade na *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, ao longo de seus 40 anos de existência. Considerando o conjunto das informações coletadas, é possível

identificar algumas características e tendências dessa produção, estando em destaque os temas correlatos às grandes áreas da Economia Doméstica que permearam as discussões nos estudos analisados, principalmente aqueles que abordaram a família como *lócus* de produção e reprodução da cultura, do estabelecimento das identidades e da transmissão dos saberes tradicionais.

Ao delinear os eixos temáticos desse estudo, observamos que muitos temas dialogam, se entrelaçam e permitem contaminações conceituais. Com isso, é possível também afirmar que as apropriações simbólicas que levam em conta a cultura e seus temas correlatos vêm se destacando como objetos de análise social e as abordagens se multiplicam, com notoriedade para as pesquisas qualitativas em que os sujeitos e suas formas de pensar e agir ganham mais legitimidade na arena das Ciências Humanas e Sociais. O amplo escopo teórico visualizado nas publicações da revista *Oikos* oferece diferentes olhares sobre a família e sobre a sociedade contemporânea.

Vale frisar que as publicações analisadas avançaram no entendimento do universo simbólico que envolve os seres humanos e evidenciam a relação entre a família e as suas modificações ao longo do tempo, despertando interesse como objeto de estudo e provocando inquietações que podem ser verificadas por pesquisadores de diversas áreas. Dessa forma, refletir sobre cultura a identidade e os saberes tradicionais implica em problematizar a produção desses conceitos a partir do seu contexto social, político e histórico. Há relações de poderes e de micropoderes entre os sujeitos sociais que influenciam comportamentos, lugares, formas de pensar, de agir e de viver que merecem ser estudadas, pois revelam muito da essência humana e podem ser aproveitadas na promoção de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da população.

Analisando os estudos mais recentes, percebemos que o cientista social interessado em conhecer a diversidade humana deve cultivar um ânimo acadêmico para transitar em diferentes disciplinas e áreas de estudo, pois as pesquisas interdisciplinares sobre cultura, identidades, saberes tradicionais e suas inúmeras apropriações conceituais e metodológicas tendem a dificultar a elaboração de eixos temáticos como o proposto neste trabalho. Por isso, estudos futuros demandam legitimação empírica dentro desses eixos. Ademais, ainda há carência de estudos que mostrem como os grupos se mobilizam frente às constantes modificações percebidas na sociedade contemporânea e, dessa forma, seria importante saber como se comportam os consumidores e os diferentes atores sociais diante das questões subjetivas que afloram a partir das relações sociais.

Após as discussões empreendidas, reforçamos que há uma relação intrínseca entre os temas estudados, haja vista que eles identificam os sujeitos como partes de uma sociedade que está em constante processo de construção identitária. Como seres sociais, eles são marcados por uma necessidade de interagir com a realidade em que estão circunscritos, pois necessitam comunicar-se um com o outro. Por meio dessa relação, eles partilham suas visões de mundo, suas experiências, sentimentos, enfim, seus conhecimentos e suas práticas. Portanto, os saberes de um grupo social adquiridos e compartilhados ao longo do tempo, fazem parte do processo de constituição do indivíduo enquanto sujeito.

Não pretendemos aqui esgotar as questões que envolvem as temáticas analisadas, mas mostrar a fertilidade e a variedade das pesquisas, bem como instigar novas investigações empíricas entre os cientistas sociais, que cubram inevitáveis lacunas desse campo de conhecimento. Acreditamos que a publicação de estudos que tenham como tema central a inclusão, no que se refere às discussões sobre comportamentos e sentimentos se evidenciam cada vez mais nas instâncias sociais contemporâneas, sinalizando a importância de averiguações que discutam a diversidade humana em suas variadas expressões.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Miguel Angel Cabrera. Historia y teoría de la sociedad: del giro culturalista al giro lingüístico. **Lecturas de la historia. Nueve reflexiones sobre historia de la historiografía**, p. 255-272, 2002.

ALBUQUERQUE, Hortência Cruz de; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana; ROCHA, Maria Alice Vasconcelos. "Santas e Estilosas": o consumo de moda gospel por mulheres pentecostais. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 28, n. 2, p. 316-331, 2017.

ALLUT, Antonio García. O conhecimento dos especialistas e seu papel no desenho de novas políticas públicas. In: DIEGUES, Antonio Carlos. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2 ed. Coleção Ecologia e Cultura. São Paulo: Hucitec, 2000.

ALVES, Rosiane Pereira; DE CARVALHO, Mário Faria. Referências culturais na moda: diferenças e semelhanças na configuração do jeans das marcas Adágio e Zagnetron. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 191-204, 2012.

ARAÚJO, Tânia. Editorial. **OIKOS: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v.1, n.1, p. 2, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Igor Silva de; PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Cultura, identidade e saberes tradicionais dos assurini do Trocará, Tucuruí/PA. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 40825-40841, abr. 2021.

BARROSO, Priscila Farfan. **Antropologia social e cultural**. Indaiá: UNIASSELVI, 2017.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 185-227.

BATISTA, Fabiano Eloy Atilio; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. A família na manutenção do ideal corporal hegemônico contemporâneo: da produção da vergonha à reabilitação social. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 29, n. 1, p. 24-41, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Companhia das Letras, 2005.

BERTANI, Maria de Lourdes; FUCKNER, Míriam; KRAMER, Gervásio. O trabalho e a organização social da mulher rural no município de Francisco Beltrão – Paraná. **Oikos**, Viçosa, v. 5, n.2, p.3-8, 1988.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Trad. Celso de Castro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BURITY, Joanildo A. **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. DP&A Editora, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Etnicidade: da cultura residual, mas irredutível”. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.

CARVALHO, Angelita Alves; FONTES, Márcia Barroso; ARAÚJO, Elisson Alberto Tavares. Análise de conteúdo e bibliométrica dos artigos publicados na revista *oikos* nos últimos 10 anos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 23, n. 2, p. 3-29, 2012.

CASTRO, Alícia Santana de; SOUZA, Gisele Maria Costa. Contação de história e estereótipos de gênero na percepção de profissionais na educação infantil e séries iniciais: uma leitura de Malba Tahan. **Oikos**, Viçosa, v. 22, n. 2, p. 88-107, 2011.

CASTRO, Ana Paula Pereira; SILVA, Neuza Maria da; BARRETO, Maria de Lourdes Mattos. Brinquedo para meninos e para meninas: uma visão dos vendedores em lojas de brinquedos. **Oikos**, Viçosa, v. 18, n. 1, p. 51-70, 2007.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína -TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 –online)

CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha de. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 102, p. 89-96, 2009.

COLLAÇO, Thais Luzia; SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 207-230, jan./jun. 2010.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: Escolhendo entre Cinco Abordagens. Penso Editora, 2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2012.

CUNHA, Lucia Helena de Oliveira. **Ordens e desordens socioambientais**: saberes tradicionais em dinâmicas pesqueiras da costa paranaense. 217 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. São Paulo: EDUSP, 2005.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes, Tradução: Ruy Jungmann. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Entre a igualdade e a distinção**: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho. 2010. 326 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2010.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira; SCHMIDT, Adrielle. Dádiva e sociabilidade na velhice: o caso de dois casais de idosos camponeses. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 26, n. 1, p. 123-142, 2015.

GARAVELLO, Elisa de P. E.; CARRARO, Ana Cláudia. O vestuário do bóia-fria: proteção e identidade. **Oikos**, Viçosa, v. 8, n.1, p.3-10, 1993.

GARAVELLO, Maria Elisa de P. E.; MOLINA, Maria Ignez Guerra. Práticas de vestuário no meio rural paulista. **Oikos**, v. 3, n.2, p.14-19, 1984.

GARCIA, Tania Elisa Morales; ROSSATO, Ricardo. A mulher rural como participante no processo decisório familiar. Pelotas-RS. **Oikos**, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 45-68, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOICOCHEA, Aurora Ribeiro de; CARMO, Dirlene Lopes do; TEIXEIRA, Karina Rebêlo. Identidade profissional e realidade de trabalho da Ecomomista Doméstica no mercado de Viçosa, MG. **Oikos**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 97-111, 1999.

GOICOCHEA, Aurora Ribeiro de; OLIVEIRA, Maria das Dores Rodrigues de. Mergulhando na memória: história de vida de quase um século. **Oikos**, Viçosa, v. 8. n. 2, p. 108-115, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUIMARÃES, Edilene Pereira; PINTO, Neide Maria de Almeida; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. Os reflexos da urbanização do campo nos modos de moradia das famílias residentes na zona rural do município de Araponga-MG. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 24, n. 2, p. 163-184, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira; HAESBAERT, Rogério (Orgs.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 06-25, jan./abr. 2010

IRIAS, Marli; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Artesanato, cultura e identidade do grupo Art D'mio de Brás Pires-MG. *Oikos*, Viçosa, v. 27, n. 2, p. 119-151, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5. ed. 2. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

LIMA, Gioconda Sousa Silva; ARRAZOLA, Laura Susana Duque. Mulheres negras na sociedade de consumo: reflexões sobre processos de enegrecimento. *Oikos*, Viçosa, v. 31, n. 2, p. 335-358, 2020.

LINTON, Ralph. **Cultura e Personalidade**. São Paulo: Mestre Jou, 1945.

LORETO, Maria das Dores Saraiva de; BENINI, Caroline Silva Almeida; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; SCHIMIDT, Adriele. Ser pai na adolescência: algumas constatações. *Oikos*, Viçosa, v. 24, n. 1, p. 266-285, 2013.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. Da paisagem ao lugar: memória e identidade de um espaço ameaçado por um projeto de barragem. *Oikos*, Viçosa, v. 17, n. 3, p. 251-271, 2006.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. Tempos e espaços da vida cotidiana na comunidade rural de Casa Nova, Zona da Mata de Minas Gerais. *Oikos*, Viçosa, v. 17, n. 3, p. 87-104, 2006.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. Uma etnografia sobre a casa camponesa: o caso dos pequenos produtores rurais do município de Coimbra; Zona da Mata de Minas Gerais. *Oikos*, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 44-70, 1997.

MAFRA, Simone Caldas Tavares; GONTIJO, Leila Amaral. Funcionalidade no espaço cozinha residencial – um estudo de caso. *Oikos*, Viçosa, v. 17, n. 3, p. 196-221, 2006.

MARTINS, Helena Teixeira. A escolha do mobiliário doméstico e os fatores a ela associados. *Oikos*, Viçosa, v. 4, n.1, p.3-8, 1985.

MINIONI, Élide. A cultura lusa e sua influência nas habitações de Pelotas e o Rio Grande-RS. *Oikos*, Viçosa, v. 6, n.1, p.3-14, 1989.

OIKOS – **Família e Sociedade em Debate**: Site oficial da revista *Oikos*. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/index>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

OLIVEIRA, Márcia Botelho de; COSTA, Caio César de M.; FERREIRA, Marco Aurélio M.; SILVA, Neuza Maria da. A gente quer comida, diversão e arte: o lazer dos estudantes universitários. **Oikos**, Viçosa, v. 24, n. 1, p. 178-206, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des) caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p. 07-21, 2000.

PINTO, Marcelo de Rezende; PEREIRA, Danielle Ramos de Miranda; LACERDA, Daniela Goes Paraíso. Rituais de consumo no dia das mães sob a ótica de traços da cultura brasileira. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 30, n. 1, p. 7-28, 2019.

REGINO, Fabiane Alves et al. “Mulher tem prazo de validade”: a construção da maternidade em um serviço de reprodução humana assistida. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 28, n. 2, p. 282-300, 2017.

RIBEIRO, Gabriela Sousa; SILVA, Karoline Alves da; SILVA, Matheus Trindade Coelho; PINTO, Thaynnara de Farias. Cidade, cultura e acessibilidade: notas iniciais da relação entre cidades educadoras e direitos humanos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 31, n. 2, p. 359–382, 2020.

ROSSATO, Ricardo; HADLER, Leila; CUNHA, Maria Isabel B.; VICTORIA, Noemica Fonseca; GONÇALVES, Regina Helena L. A família entre o tradicional e o novo. **Oikos**, Viçosa, v. 9, n. 1, p. 130-144, 1995.

SANTANA, Elena Maria Vidigal. Turismo: importância e características de seus consumidores no município de Viçosa. **Oikos**, Viçosa, v. 13, n. 1, p. 34-36, 2001.

SANTANA, José Valdir Jesus de. A face simbólica dos “saberes da tradição” e a produção de identidades no contexto do povo indígena Kiriri. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 101, p. 87-95, 2009.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 34, 2010.

SANTOS, Suellen Nascimento dos; SILVA, Neuza Maria da; REIS, Lilian Perdigão Caixeta; SILVA, Maristela Siolari da. Interface entre o projeto de implementação do PNHR nos municípios de Guiricema e São Miguel do Anta-MG e a realidade das famílias contempladas. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 26, n. 1, p. 46-68, 2015.

SANTOS, Vanessa de Oliveira. BENEVENUTO, Mônica Aparecida del Rio. Imaginário e representações sociais juvenis na mídia. **Oikos**, Viçosa, v. 18, n. 1, p. 95-111, 2007.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, Roberto Domingos da. **Territorialidade dos potiguaras da aldeia São Francisco, Litoral Norte-PB**. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

SILVA, Margarida Maria Santana da; ALVARENGA, Sônia Coelho de; MAFFIA, Lúcia Maria; NEVES, Antônio do Carmo. Associação entre fatores econômicos, socioculturais e psicológicos e o grau de adoção das recomendações nutricionais recebidas no serviço de orientação

nutricional e familiar da Universidade Federal de Viçosa – SONF/UFV. *Oikos*, Viçosa, v. 9, n. 1, p. 22-31, 1995.

SILVA, Patrícia Fernanda Gouveia da; OLIVEIRA, Israel de. Favela, memória, ação social: interpretando imagens, narrativas e performances identitárias. *Oikos*, Viçosa, v. 17, n. 3, p. 7-21, 2006.

SILVA, Regina Célia Pereira da; SILVA, Neuza Maria da; BARRETO, Maria de Lourdes Mattos; SILVA, Lourdes Helena da. As representações sociais das mães sobre a uniformização escolar: o caso do laboratório de desenvolvimento infantil. *Oikos*, Viçosa, v. 17, n. 3, p. 22-43, 2006.

TAPIE, Guy. Sociologia do espaço: modelos de interpretação. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 20, n. 47, p. 370-391, jan/abr. 2018.

TEIXEIRA, Tatiana Silva; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho; DE FÁTIMA LOPES, Maria. Mulheres migrantes, trabalho doméstico: tradição e modernização do fazer doméstico. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, Viçosa, v. 28, n. 1, p. 79-104, 2017.

TEIXEIRA, Tatiana Silva; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho; LOPES, Maria de Fátima. Trabalho doméstico: reprodução e resistência. *Oikos*, Viçosa, v. 27, n. 1, p. 59-78, 2016.

TOMAZ, Cícero Jose; ROCHA, Maria Alice Vasconcelos; FERNANDES, Raquel de Aragão Uchôa. Juventude, identidade, educação e práticas de consumo pelos jovens. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, Viçosa, v. 28, n. 1, p. 61-78, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TYLOR, Edward B. A ciência da cultura. In: **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 67-99.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual", In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000 p. 7-72.